

Memória, História e Verdade: Quem são os atingidos de Bento Rodrigues?*

Memory, History and Truth: Who are the victims of Bento Rodrigues?

Cleiton Henrique Lopes et al.**

Resumo

Fazer memória do ocorrido em Bento Rodrigues no dia 05 de novembro de 2015 é uma forma de contribuir para a historicização do ocorrido e, num só passe, colaborar para que ele não seja encoberto pelo véu do esquecimento. Ao fim da pesquisa de campo, realizada a partir da entrevista de 41 dos 720 atingidos residentes em Bento Rodrigues (cerca de 5,5 % do público), chegou-se à formulação dos seguintes *tipos ideais*: *perda da estabilidade de vida, saída forçada da terra e instabilidade econômica*. Ao considerá-los pretende-se vislumbrar os aspectos sócio-históricos centrais presentes na constituição do perfil básico dos assim chamados "atingidos de Bento Rodrigues". Por fim, elaborá-los para além de contribuir na tarefa proposta de responder minimamente a pergunta "quem eram os 'atingidos de Bento Rodrigues'?" constitui-se como o ponto mais próximo que conseguimos objetivamente chegar à verdade da realidade vivenciada pelos atingidos.

* Artigo recebido em 10/11/2017 e aprovado para publicação em 28/06/2018.

** Este trabalho é parte conclusiva do Projeto de Extensão, Memória, História e Verdade, da Faculdade Dom Luciano Mendes, realizado de 2016 a 2017, pelos estudantes: Cleiton Henrique Lopes; Emanuel Tadeus Dias Teixeira; Fabiano Henrique de Matos; José Mário Santana Barbosa; Romério da Silva de Souza e Weslei da Silva Nogueira, sob coordenação do Prof. Dr. Lúcio Álvaro Marques. Contou com a revisão textual (redação e formatação gráfica) do estudante Carlos Geovane Magri.

Palavras-chave: Memória; História; Verdade; Atingidos; Bento Rodrigues; Mariana.

Abstract

Remembering what happened in Bento Rodrigues on November 5, 2015 is a way to contribute to the historicization of the event and, in a single pass, to collaborate so that it is not obscured by the veil of forgetfulness. At the end of the field survey, conducted from the interview of 41 of the 720 residents of Bento Rodrigues (about 5.5% of the public), the following ideal types were formulated: loss of stability of life, forced exit of the land and economic instability. In considering them we intend to glimpse the central socio-historical aspects present in the constitution of the basic profile of the so-called "affected of Bento Rodrigues." Finally, to elaborate them, besides contributing to the proposed task of minimally answering the question "who were the 'hitmen of Bento Rodrigues'?" Constitutes the closest point that we can objectively reach the truth of the reality experienced by those affected.

Keywords: Memory; History; Truth; Affected; Bento Rodrigues; Mariana.

"Você vai na rua e o povo fala: 'ah, já vem o povo da lama!' 'Ah o povo que acabou com Mariana! (...). A culpa agora é do 'Bento'. A culpa é do 'Paracatu'. Não é! A culpa não é nossa. (...). A expectativa é que eles façam nossas casas e *que a vida volte como era antes*" (FPA, 20/09/2016)

Introdução

O imperativo que nos levou ao esforço de pesquisa (desde a elaboração do projeto de pesquisa, à realização das visitas aos atingidos ao longo do ano de 2016 a fim de entrevistá-los até às inúmeras reuniões para comparar e registrar os dados coletados), bem como nos motiva a redigir o presente artigo é o senso de compromisso que temos de, enquanto estudantes de Filosofia, pensarmos e compreendermos minimamente a realidade sócio-histórica desde a qual se constitui o processo de formação do *perfil* dos assim chamados "atingidos de Bento Rodrigues". Interessa-nos, a partir da consideração desta realidade, responder minimamente a pergunta: Quem eram os "atingidos de Bento Rodrigues"?

O intuito é de que a memória histórica do terror ali expresso contribua para que ele não seja encoberto pelo véu do esquecimento. Com efeito, apesar deste ter sido um dos maiores crimes socioambientais ocorridos na América Latina, verifica-se que ele tem sido pouco explorado como objeto de investigação acadêmica.

Serve-nos como mote a orientar nosso trabalho o que outrora dissera Lima Vaz¹: “[...] numa sociedade como a do Brasil estou convencido de que a vocação do filósofo vem carregada de uma enorme *responsabilidade social*. Fazer filosofia com honestidade e lucidez, com energia e acurado esforço intelectual é uma exigência de justiça para conosco mesmos e para com o povo brasileiro” (1984, p. 25, grifo nosso). Numa sociedade como a do Brasil, isto é, marcada por uma enorme desigualdade social, por nossa inexperiência democrática advinda da cultura da não-participação popular nos espaços de poder onde são tomadas as decisões políticas, pela carga histórica da onerosa herança recebida de nossa tradição colonial, escravocrata, anti-democrática e aristocrática (FREIRE, 1967, p. 65), o filósofo é chamado, antes mesmo de elaborar o diagnóstico do tempo presente ao analisar uma dada realidade, posicionar-se criticamente diante do seu objeto de investigação como um modo de, desta forma, exercer esta responsabilidade social de que fala Vaz em seu ofício. Identifica-se, pois, *responsabilidade social* e *posicionamento crítico* na realização do esforço de pesquisa.

O posicionamento crítico justifica-se na medida em que sua própria análise não estará isenta da influência de tais condições sócio-históricas experimentadas por ele ao longo de seu processo de educação/formação no interior desta mesma pátria. Furtar-se a este posicionamento crítico ante a realidade implica em tornar-se agente de conservação destas condições. Implica ainda na opção pela manutenção da realidade imediatamente dada (do *status quo*) ao reproduzi-la no pensamento. O posicionamento crítico, com efeito, não implica na parcialização da pesquisa, na adequação desta ao interesses dos pesquisadores, mas na consideração das condições sócio-históricas nas quais se situa o objeto em análise. Nesse sentido, se propõe considerar tais condições ao longo do presente trabalho ao tematizar o processo de formação do perfil dos assim chamados “atingidos de Bento Rodrigues”.

Para o filósofo, ou quem se dedica ao fazer filosófico, ter *responsabilidade social* além de implicar na escolha de uma perspectiva crítica desde a qual seja possível mirar e compreender a realidade estudada implica em atentar-se aos acontecimentos de seu tempo tomando-os enquanto objeto de investigação e considerando-os como se fossem o livro de cabeceira de seu processo educativo/formativo. Refletir e compreender tais eventos é uma forma de responsabilidade social exercida pelo filósofo, na medida em que este trabalho não objetiva apenas ao enriquecimento da

¹ Em uma aula conclusiva por ele ministrada no Curso de Extensão sobre Filosofia no Brasil ofertado na Faculdade Federal de Minas Gerais no segundo semestre letivo do ano de 1981

sabedoria própria do pesquisador, mas a contribuir com a sociedade no esforço conjunto da compreensão dos fenômenos sociais de uma época. Nesse sentido, vislumbra-se no “acontecido” em Bento Rodrigues uma forma de exercício desta *responsabilidade social*.

Não nos interessa tomar os “atingidos” como meros objetos, instrumentos, meios para a realização de um trabalho acadêmico. Interessa-nos contribuir no processo de historicização da memória coletiva bem como contribuir com eles no processo de auto-compreensão que experimentam. Urge pensar o que está por detrás da figura anônima e demasiadamente conhecida a partir do generalizante chavão: “atingido de Bento Rodrigues”. Por que estas pessoas atingidas moravam em Bento Rodrigues e não em outro lugar? Seria porque ali conseguiam os meios necessários à produção e reprodução material da vida? Qual era a história de vida de cada uma destas pessoas? A quantos anos moravam ali? Quais eram suas expectativas de vida? Quais eram seus sonhos? Como se sustentavam financeiramente? O que cada uma delas fazia na tarde do dia 05 de novembro? Moravam em casa própria? Pretendiam sair do local ou tiveram que sair forçosamente da terra na qual construíram a história de vida? Ali desenvolveram-se humanamente, viveram experiências marcantes junto a entes queridos, comemoraram as datas que consideravam especiais, choraram os eventos dolorosos, plantaram as sementes do amanhã esperado e não mais possível, etc. Pensar a situação histórico-social dos “atingidos” desde a circunstancialidade de todos e cada um é uma forma de nos atentarmos a esta *responsabilidade social*.

O presente artigo tem em vista dois objetivos: I) abordar e registrar a memória coletiva das vítimas de Bento Rodrigues; e II) a partir da análise dos dados coletados nas entrevistas, e graficamente representados, fazer memória de aspectos sócio-históricos presentes na formação do *perfil* básico dos assim chamados “atingidos de Bento Rodrigues”, quais sejam, a **perda da estabilidade de vida** (na medida em que verifica-se que a maioria dos entrevistados já se estabeleciam no local a mais de 40 anos – 32% dos casos –, tinham mais de 60 anos de idade – 27% dos casos –, manifestaram o desejo de terminar o resto de seus dias de existência ali – 95% dos casos – e eram trabalhadores autônomos – 34% dos casos); a **saída forçada da terra** (não obstante o fato de, conforme já salientamos, a imensa maioria dos entrevistados manifestarem o desejo de permanecer na terra em que moravam até o findar da existência tiveram que sair abruptamente do local; desse fato e pela circunstância em que se sucedeu verifica-se como decorrência, por exemplo, o trauma pós-desastre e o silêncio traumático de alguns atingidos²); e a **instabilidade econômica** (ainda que houve um aumento da renda média mensal³, observa-se que trata-se de uma renda provisória bem como que houve a perda da

² Cumpre-nos o dever de informar que diversos “atingidos” não se disponibilizaram em cooperar na realização da nossa pesquisa justamente para não “mexer na ferida” conforme alegavam.

³ Antes do desastre dos 41 entrevistados eram 12 os casos em que o provedor da casa possuía cerca de um salário mínimo como renda mensal; depois do desastre dos mesmos 41 entrevistados eram 17 os casos em que o provedor da casa possuía cerca de dois salários mínimos como renda mensal.

estabilidade financeira na medida em que a maioria dos entrevistados moravam em casa própria [perdida] e era trabalhador autônomo [ocupação também perdida] e depois do desastre passaram a depender de ajuda externa tanto para conseguir permanecer em uma moradia como para se sustentar mensalmente).

Quanto ao primeiro objetivo acima mencionado temos como referencial teórico ao firmá-lo a obra *A memória, a história e o esquecimento* de Paul Ricoeur. Mais especificamente, temos em vista a noção de que “[...] a memória enuncia-se como uma exortação a não-esquecer” (2007, p. 424). Fazer memória do ocorrido é também uma forma de cravá-lo na história, desde uma abordagem historiográfica, a fim de que ele não seja encoberto pelo véu do esquecimento. Esta postura vigilante se faz necessária na medida em que se verifica a enorme pressão exercida por tendências histórico-sociais objetivas em sentido contrário. Nesse sentido, vale citar como exemplos a tentativa de encobrir os rastros do ocorrido mediante a inundação do local (pela construção do dique S4⁴) e o voraz anseio para que a empresa mineradora volte a operar novamente a qualquer custo, para que a roda da economia local possa girar novamente (na medida em que a economia marianense mantém uma relação de dependência com o setor da Mineração, pelo fato de que deste provém as maiores somas de arrecadação de impostos⁵ bem como que, nas atuais condições de pouca diversidade da economia local, o colapso da atividade mineradora, como em “efeito dominó”, desencadeia não só a diminuição na arrecadação de impostos da própria empresa mas também coloca em risco outras formas de arrecadação pela diminuição do consumo e da circulação monetária, pelo conseqüente desemprego).

Cumpre-nos informar ainda que o presente artigo não visa estabelecer uma compreensão totalizante, absoluta e cabal do ocorrido tampouco do perfil dos assim chamados “atingidos de Bento Rodrigues”. Conforme Adorno destaca no texto *Atualidade da filosofia*, este tipo de procedimento está em descrédito nos tempos hodiernos, isto é, no período que se segue após o declínio do processo de legitimação dos sistemas filosóficos na contemporaneidade⁶. Ainda segundo o autor (1994, p. 73), a possibilidade da atualidade da filosofia, do fazer filosófico, permanece na medida em que o filósofo, ou quem se ocupa do trabalho filosófico, renuncia à pretensão de abarcar a realidade em sua totalidade pela força do

⁴ O argumento utilizado é o de que a construção do dique se faz necessário para reter a vazão do que resta de rejeito na barragem rompida no dia 05 de novembro de 2015 no Rio Gualaxo.

⁵ Segundo informações contidas no Portal da Transparência as mineradoras Samarco Mineração S. A. e Vale S. A. encabeçam a lista de maiores arrecadações por contribuinte concedida à prefeitura municipal de Mariana no ano de 2015 – ano do desastre - legando a esta, respectivamente, a quantia de R\$ 9.574.957,69 e R\$ 4.786.638,87. No ano de 2016 o valor foi de R\$ 14.797.257,12 (Samarco Mineração S. A.) e 3.275.006,34 (Vale S. A.); a empresa Fundação Renova criada após o desastre aparece em seguida contribuindo com R\$ 684.010,036. Esta hegemonia das mineradoras ultrapassa os limites das contas públicas marianenses e perpassa o imaginário coletivo dos cidadãos – nativos ou não. Fixa-se a ideia de que é imperativo que as mineradoras operem pelo que, caso contrário, a economia local entrará em colapso (diminuição na arrecadação de impostos, desemprego, inflação, etc.). Verifica-se que este ciclo de dependência é resultante da ineficiente diversificação das matrizes econômicas.

⁶ No texto em questão Adorno (1994, p. 75) indica que este tipo de procedimento está em descrédito desde a crise do idealismo, da *ratio autonoma*, que mantinha a pretensão filosófica de totalidade.

pensamento. Este tipo de esforço totalizante não se mostra realizável na medida em que a própria realidade analisada não se desvela por inteiro aos olhos do investigador. Mostra-se “[...] unicamente em vestígios e escombros” (ADORNO, 1994, p. 73) desde os quais o investigador deve fundamentar seu trabalho para se chegar a compreender a realidade investigada. Nesse sentido o autor considera que o trabalho investigativo realizado desde a perspectiva da razão totalizante, presta-se mais a velar a realidade, ao justificá-la conceitualmente, do que para de fato compreendê-la (cf. ADORNO, 1934, p. 73). Não é este o nosso intuito ao oferecer um perfil básico dos atingidos de Bento Rodrigues após analisar os dados graficamente representados.

O trabalho identifica-se com o que Adorno denomina “programa do autêntico conhecimento materialista” (1934, p. 90). Este tipo de conhecimento, assentado na perspectiva da filosofia interpretativa⁷, propõe-se a “[...] interpretar a realidade [objetiva] carente de intenções mediante a construção de figuras, de imagens, [elaboradas] a partir dos elementos oriundos da própria realidade” (ADORNO, 1994, p. 89). Para isso desconstrói a realidade em pequenos elementos analisáveis desde os quais fundamentará a interpretação filosófica. É a esta atividade que se presta a elaboração e a estruturação dos aspectos sócio-históricos (perda da estabilidade de vida, instabilidade econômica e saída forçada da terra) presentes na formação do perfil dos assim chamados “atingidos de Bento Rodrigues” realizada após análise criteriosa dos dados objetivamente obtidos mediante entrevista realizada junto aos mesmos. A partir de tal análise prosseguiu-se a elaboração destes aspectos, entendidos como figuras conceituais, desde os quais tornou-se possível, mediante a filosofia interpretativa proposta por Adorno, formular uma interpretação do perfil do grupo supramencionado e, assim, compreender minimamente a realidade investigada: qual o perfil básico dos indivíduos que engrossam as fileiras dos chamados “atingidos de Bento Rodrigues”?⁸

Finalmente, por que escrever sobre o acontecido? Por que gastar tempo e esforço vital em um projeto de extensão acadêmica que tem como objeto de estudo os assim chamados “atingidos de Bento Rodrigues”? Conforme já dissera Primo Levi, em contexto posterior a outra catástrofe humanamente causada – o holocausto da Alemanha nazista, a realidade dos campos de concentração e o extermínio em massa –, porque um imperativo ético nos instiga à necessidade da escrita. Escrever para contar

⁷ Adorno (1994, 87) estabelece o fazer filosófico como atividade investigativa ao distinguir o ideal da ciência (o da investigação) do ideal próprio à filosofia (o da interpretação).

⁸ Esta interrogação será considerada a medida em que se analisa os elementos sócio-históricos presentes na formação deste perfil. Ao cabo desta análise desvela-se o paradigmático perfil que se segue: trata-se de indivíduos que *perderam a estabilidade de vida, saíram forçadamente da terra* (resultando disso variados traumas e perdas materiais e imateriais) e que passaram a viver numa situação de *instabilidade econômica* (na medida em que dependiam de benefícios oferecidos pela empresa mediante a *Fundação Renova*). Com efeito, a riqueza e a multiplicidade dos elementos presentes na história pessoal e coletiva dos protagonistas da tragédia não permite que sejam reduzidos a este *perfil básico*. Trata-se de um esforço de, a partir da análise de dados oriundos da realidade sócio-histórica desde a qual existem historicamente, construir imagetivamente um *perfil básico* que aponte para uma resposta possível à pergunta “quem eram os ‘atingidos de Bento Rodrigues’?”.

aos outros das próximas gerações, para torná-los participantes⁹ (cf. LEVI, 1988, p. 7).

1. Perda da estabilidade de vida

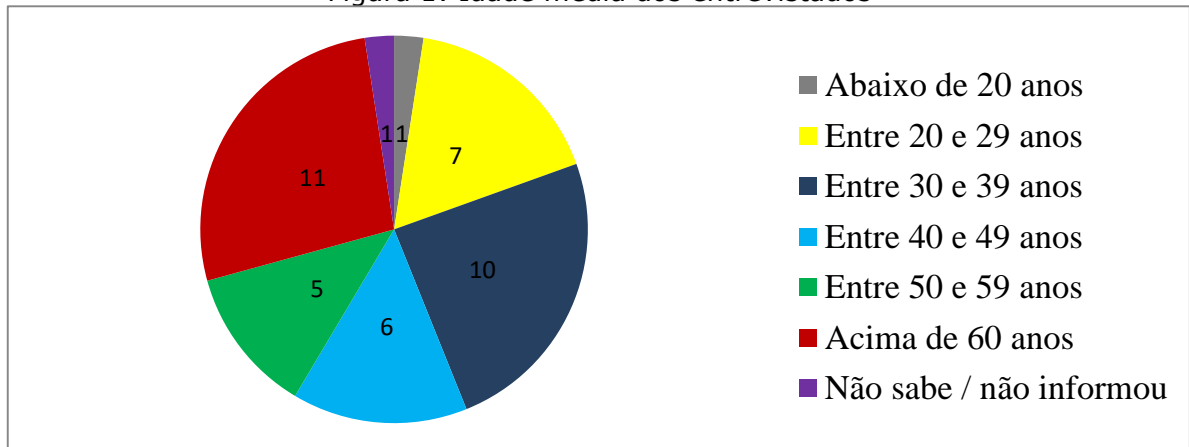
Na filosofia é recorrente a investigação sobre o significado e compreensão de termos ou conceitos. Isso pode dar um sentido para a discussão, de modo a configurar o teor de uma pesquisa. Quando pensamos no termo estabilidade podemos aludir a conceitos da física, bem como a ideias sobre o que não muda. No caso dos atingidos pela barragem, este conceito se relaciona com fatos e circunstâncias que lhes davam certa segurança e tranquilidade de vida em Bento Rodrigues. Para muitos deles, o sentimento *é/era* de pertença, pois dentre outras coisas, moravam lá há um bom tempo, ali estava o seu local de trabalho, as suas plantações e, claro, a própria casa e vivência cotidiana, com seus costumes próprios. Apesar de não ser comensurável, podemos verificar que a mudança de vida acontecida com os moradores de Bento trouxe consequências que influenciaram, de fato, para que houvesse uma perda de estabilidade na vida de cada um.

Nesse sentido, as entrevistas e os dados coletados nos ajudam a fazer memória de aspectos sócio-históricos presentes na formação do perfil dos assim chamados “atingidos de Bento Rodrigues”, e conferirmos certas mudanças que alteraram significativamente a vida dos mesmos atingidos. Inicialmente apresentaremos os dados - que se associam entre si, sobre a idade dos entrevistados, sobre o tempo em que moravam naquele distrito e, em que medida o trabalho desempenhado era autônomo ou não. Aliado a isso, analisaremos algumas respostas dos entrevistados a nossas perguntas, na tentativa de demonstrar o efeito gerado aos mesmos entrevistados diante do acontecido.

Neste gráfico, temos a idade média dos entrevistados. Notamos que a maioria (27%) tinha mais de 60 anos.

⁹ Temos consciência de que não somos os únicos a empreender esforço nesse sentido; outros trabalhos são realizados no sentido de preservar a memória histórica dos atingidos (exemplos disso são o jornal “A sirene” e a iniciativa “Um minuto de sirene” que promove encontros mensais coletivos, sempre no dia 5 de cada mês).

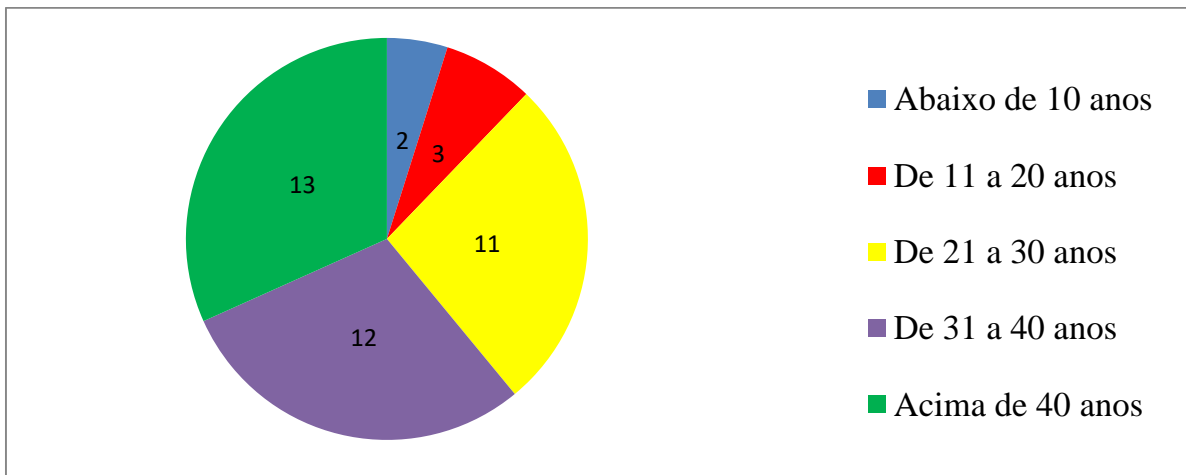
Figura 1: Idade média dos entrevistados



Fonte: entrevista realizada junto aos "atingidos".

Neste outro gráfico, temos o tempo de residência dos entrevistados em Bento Rodrigues. Podemos observar que a maioria (32%) morava lá há mais de quarenta anos, e outros (29%), de 31 a 40 anos.

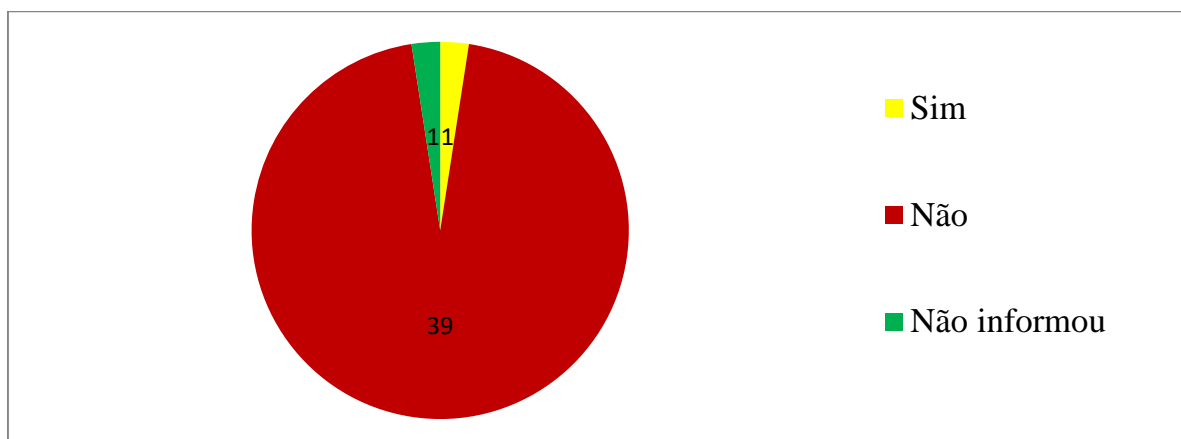
Figura 2: Tempo de residência em Bento Rodrigues



Fonte: entrevista realizada junto aos "atingidos".

Além disso, o número mais impressionante é o de entrevistados que não queriam sair de Bento Rodrigues (95%). O gráfico seguinte apresenta esta realidade:

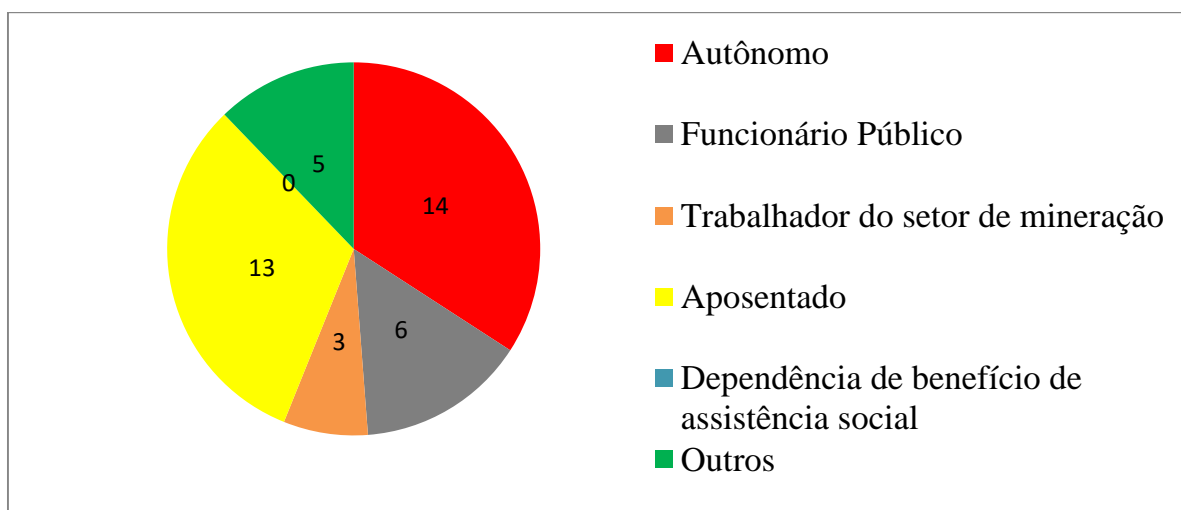
Figura 3: Almejava sair de Bento Rodrigues



Fonte: entrevista realizada junto aos "atingidos".

Do fato de que a maioria dos entrevistados – 32 % - moravam lá a mais de 40 anos bem como não pretendiam sair do local – 95 % -, juntamente com a consideração da circunstancialidade em que se deu o êxodo do local naquele 05 de novembro de 2015, infere-se a *saída forçada da terra*¹⁰ (conforme será melhor elucidado na última seção deste trabalho). Estes fatores implícitos na constituição do aspecto sócio-histórico da *saída forçada da terra* juntamente com a consideração do fato de que a maioria dos entrevistados eram trabalhadores autônomos – 34 % - corroboram na constituição de um outro aspecto sócio-histórico, qual seja, a *perda da instabilidade de vida*.

Figura 4: Atribuição do provedor da casa/fonte de renda



Fonte: entrevista realizada junto aos "atingidos".

¹⁰ Deste fato resultaram traumas verificados, por exemplo, no conteúdo da fala dos entrevistados.

A.M.A.¹¹, que não revelou sua idade, natural de Barra Longa, há 19 anos residia em Bento. Ela também não pensava em sair do local, senão para mudar para outra roça. Acontece que, atualmente ela permanece em Mariana, numa casa disponibilizada pela Samarco. Para ela, morar nesta cidade não está sendo uma coisa muito agradável. Entretanto, A.M.A. não perde a esperança; ela só quer o terreno e a casa nova, chegando até mesmo a sugerir um nome para o local previsto para a Lavoura:

Perdemos tudo. Hoje os filhos não podem sair em qualquer horário nem para qualquer lugar. Hoje tem que comprar até couve. A água tem muito cloro. Eles tinham que pagar o nosso terreno, já que estão colocando dique lá. Quando paramos no sofá, o fato vem todo de novo. Não estamos gostando de Mariana. Queremos nosso terreno. Estamos quase um ano sem poder capinar. Temos esperança do novo terreno, mas não sabemos se eles vão fazer mesmo. Participamos das reuniões da Samarco com o pessoal de Bento às quintas-feiras, às vezes são os mesmos assuntos (conta de luz), mas queremos soluções. A mão de Deus é que foi durante o dia. Hoje tem muita gente de Mariana falando mal de nós. Precisamos ver a realidade e levantar a cabeça para não deixar a depressão tomar conta. Muita gente quer dinheiro. Nós queremos nossa casa nova, ter a casa de novo. Lá podia deixar a casa aberta sem medo. O nome do local novo deve ser outro: Nova Vida, Renascer, Nova Esperança. Bento não existe mais. Será que vão fazer a vila? (29/09/2016).

L.O.M., de 30 anos, ao falar sobre como se dava o sustento da família, sobre quanto tempo morava em Bento, bem como sobre a sua vida lá e os seus sonhos, disse:

Eu e meu marido sustentávamos a casa. Saía às 7h e chegava às 16h ou 15h30min, como doméstica no Cruzeiro do Sul. Já R. saía às 7h e voltava às 19h, na mecânica em Mariana. Ele também tinha uma pequena mecânica na sua casa e nós dois éramos fichados. Somos de Mariana, mas ia fazer dois anos que morávamos em Bento. Tínhamos comprado há cinco anos e era a primeira casa própria nossa. Estávamos mexendo na casa ainda, não estava toda pronta quando tudo aconteceu. [...] [Morar em Bento]:

Era muito melhor que hoje, o conforto era melhor. Tudo era nosso. Lá tudo se resolvia. No Bento não tinha goteira na casa. Nós estávamos acabando de arrumar a casa e montar a estrutura para abrir a mecânica, para parar de trabalhar para os outros e trabalhar por conta própria. Eu seria a secretária e a responsável pelas compras, e o R. pela mão-de-obra.

¹¹ Para preservar o anonimato dos entrevistados, foi usado durante a pesquisa, siglas ao invés do nome dos moradores de Bento Rodrigues.

O senhor J.Z.A., de 73 anos, natural de Monsenhor Horta, distrito de Mariana, disse que chegou para morar em Bento com apenas dez anos de idade, permanecendo por lá há 64 anos, até o dia do desastre. Embora aposentado, afirmou que sustentava sua família também com rendas provenientes do plantio (milho, feijão, hortaliças), da criação de bois e galinhas, e da venda de ovos. A tristeza maior para ele é constatar que tudo foi “embora”. Ao ser indagado se havia pensado em sair de Bento, J.Z.A. não deixou para menos, dizendo: “Nunca. Tinha vontade de ser enterrado lá”.

A perda de estabilidade para este senhor, experiente na vida, também se verifica na diferença de morar em Mariana, o que para ele tem significativas diferenças, enquanto que seu desejo é, de fato, que as pendências se resolvam o mais breve possível. Além disso, ele nota que o problema é de justiça, já que a empresa gasta fortunas com advogados para defender seus interesses, e pouco se resolve para os atingidos:

Aqui em Mariana é 90% mais complicado. Não pode ficar nem com a porta aberta. Não tem liberdade nenhuma, é uma vida sem liberdade, sem trabalho – não tem nada para mexer. Aparentemente tá bem, mas não tenho nada meu mesmo. Dá mal estar, não sei o que vou fazer. Não sabemos se vamos receber tudo de volta. Eu espero que a Lavoura fique pronta. Se pagar tudo o que perdi, aí eu poderei comprar o que perdi. Se der o que eu perdi, tudo bem. Se não serei igual mendigo. A Companhia não liga pra gente. Vou a todas as reuniões, ah se não fosse a justiça. O terreno lá é nosso, não podemos nem mais entrar lá. Tem que fazer treinamento, etc. ‘Paga’ R\$ 1000,00 para advogado e nem R\$ 10,00 para nós. Não estou bem. Não tem nada meu. Me considero como peregrino. (29/09/2016).

A senhora M.Z.S., de 55 anos, respondeu às seguintes perguntas: “Como está sendo sua vida após o desastre? Quais são as suas expectativas?” e, ao mesmo tempo expressa a diferente realidade que é morar em Mariana:

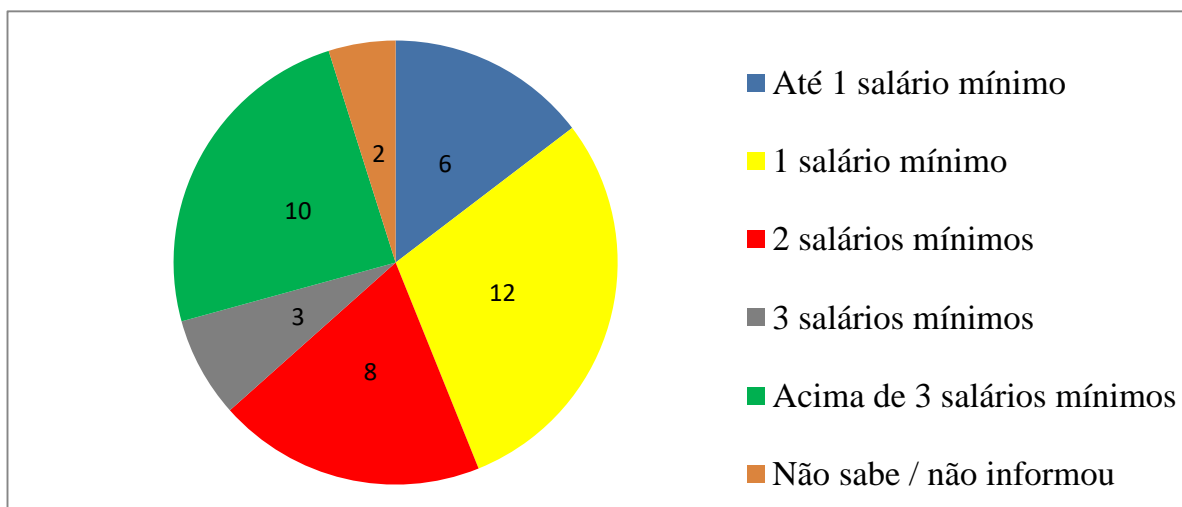
‘Pra’ falar com você a verdade, tem hora que a gente não tem tempo para pensar muito. A vida é corrida. Meu marido está doente [AVC], não tem outra pessoa pra ficar lá com ele. Sinto falta do Bento. A gente quer a lavoura, a casa, o terreno, para ao menos pensar que estamos indo para Bento, ao menos a sensação. Tínhamos de tudo na nossa casa, quintal grande, podia dividir, tinha parte só de laranja, só de galinha, outra parte de bananeira, onze pés de jabuticaba. A gente tinha de tudo lá. Manga. Era um lugar tranquilo pra gente. (25/08/2016).

2. Instabilidade econômica

A partir das entrevistas realizadas, percebe-se que a situação econômica dos moradores do distrito de Bento Rodrigues era, em certa medida, estável uma vez que a maior parte das famílias dos entrevistados possuía dois ou mais salários mínimos como fonte de renda. Considerando-se a característica sociocultural da comunidade, que facilitava a subsistência das famílias (como o plantio de hortaliças e a criação de animais), esse valor era bastante suficiente para as despesas familiares, como citado pelos entrevistados. A entrevistada E. A. E. M., de 42 anos, relata, por exemplo, que tinha, juntamente com seu marido, um sítio, no qual havia animais e plantas, e eles tinham grande alegria em zelar pelos seus bens.

Chama a atenção, ainda, o fato de haver um grande número de entrevistados (24%) possuindo uma renda mensal familiar acima de três salários mínimos, o que pode ser devido tanto ao grande número de aposentados residentes no distrito, evidenciando um pouco a sua "independência" em relação à Samarco ou a outra empresa qualquer.

Figura 5: Renda mensal antes do desastre



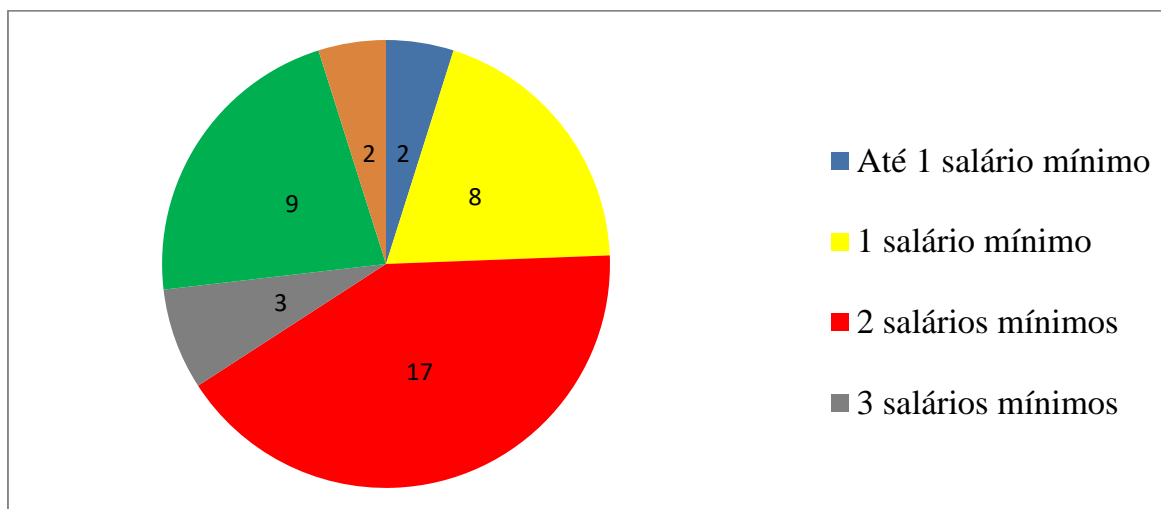
Fonte: entrevista realizada junto aos "atingidos".

Chama bastante atenção o dado do aumento do número daqueles que ganhavam dois salários mínimos (de 20% para 41%), em contraposição à diminuição daqueles ganhavam apenas um (de 29% para 20%), após o desastre ambiental. Isso certamente se deve às indenizações feitas aos atingidos pelo rompimento das barragens, especialmente da parte da mineradora Samarco (por meio da Fundação Renova).

Apesar disso, a situação financeira dos ex-moradores de Bento Rodrigues nem de longe tornou-se mais estável do que era antes. Morar em uma casa que não é a sua, em uma comunidade diferente, perder o

emprego conquistado e ter de depender de um auxílio desses, exigiria uma remuneração ainda maior, para tentar minimamente reparar o ocorrido, ainda que isso fosse impossível. A expectativa pós-desastre de J. B. S. (69 anos), por exemplo, era de ter sua casa e voltar a trabalhar com as coisas que tinha, pois perdeu tudo; segundo o entrevistado, muitos foram os que deixaram Bento Rodrigues apenas com a roupa que usavam no momento.

Figura 6: Renda mensal depois do desastre



Fonte: entrevista realizada junto aos "atingidos".

Por fim, chamam a atenção os dados de que a esmagadora maioria dos provedores das rendas familiares era composta de autônomos (34%) e aposentados (32%), bem como o fato de apenas 7% dos entrevistados trabalharem no setor de mineração¹². Fica mais que comprovado que os moradores de Bento Rodrigues não necessitavam estritamente de qualquer empresa para a manutenção de suas famílias.

Além disso, é interessante ressaltar que nenhum entrevistado relatou alguma dependência de benefício da assistência social, o que passou a ser utilizado em basicamente todas as famílias, após o rompimento das barragens.

3. Saída forçada da terra

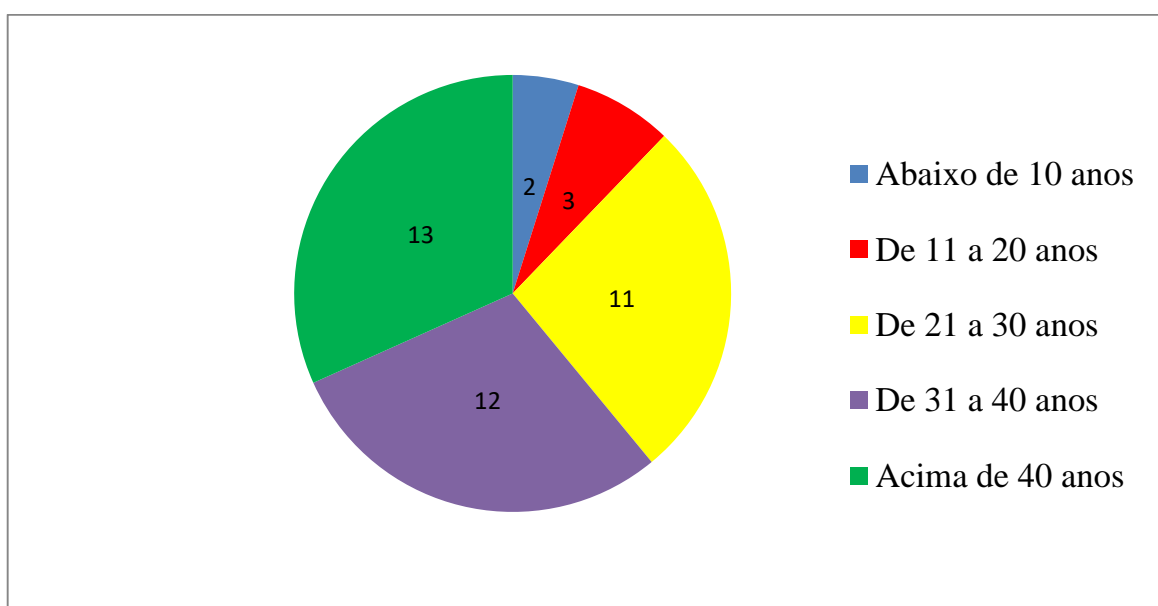
Nesta parte da pesquisa pretende-se demonstrar, através dos dados coletados, a saída forçada de Bento Rodrigues. Como será notado no decorrer desse capítulo, por meio das entrevistas que foram realizadas, percebeu-se que não havia, por parte da maioria dos moradores do distrito

¹² Vide figura 4.

atingido, o desejo de mudar para outra localidade, mas foram forçados a fazerem isso, ou seja, saírem obrigados da própria terra.

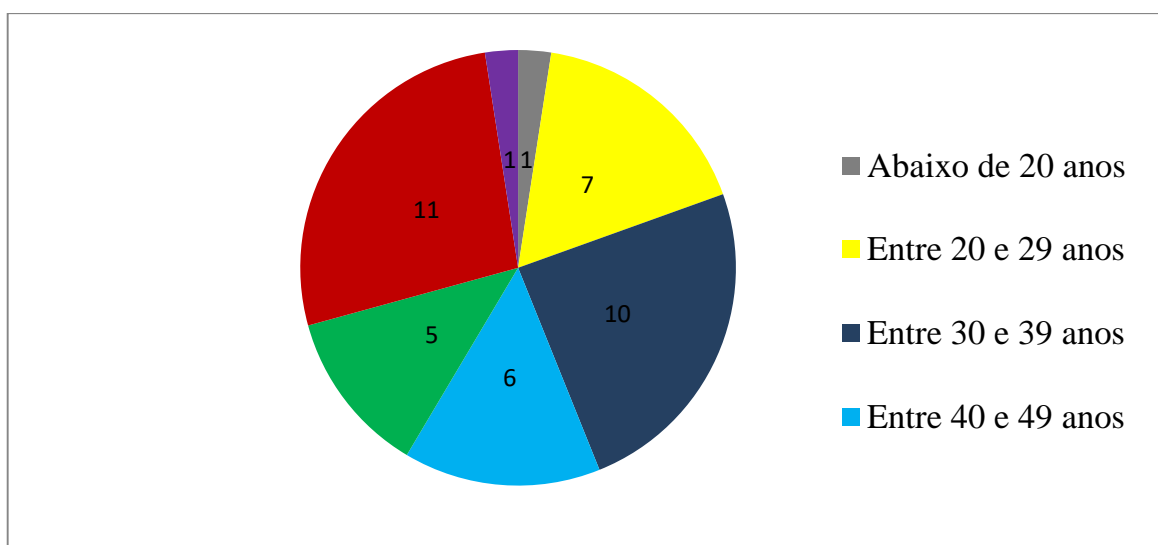
Os gráficos abaixo dizem respeito ao tempo de residência em Bento Rodrigues e a idade média dos entrevistados. Como será notado, a maioria dos entrevistados residiam no distrito a mais de 40 anos, o que comparado com o segundo gráfico que demonstra a idade dos entrevistados, mostra que a maioria nasceu em Bento Rodrigues e pretendia permanecer ali até a sua morte como expõe uma das entrevistas: "Não tinha nenhum objetivo de sair de lá. O objetivo meu era viver neste lugar até a morte e queria que meus ossos ficassem lá" (A.G.G., 29/09/2016).

Figura 7: Tempo de residência em Bento Rodrigues



Fonte: entrevista realizada junto aos atingidos.

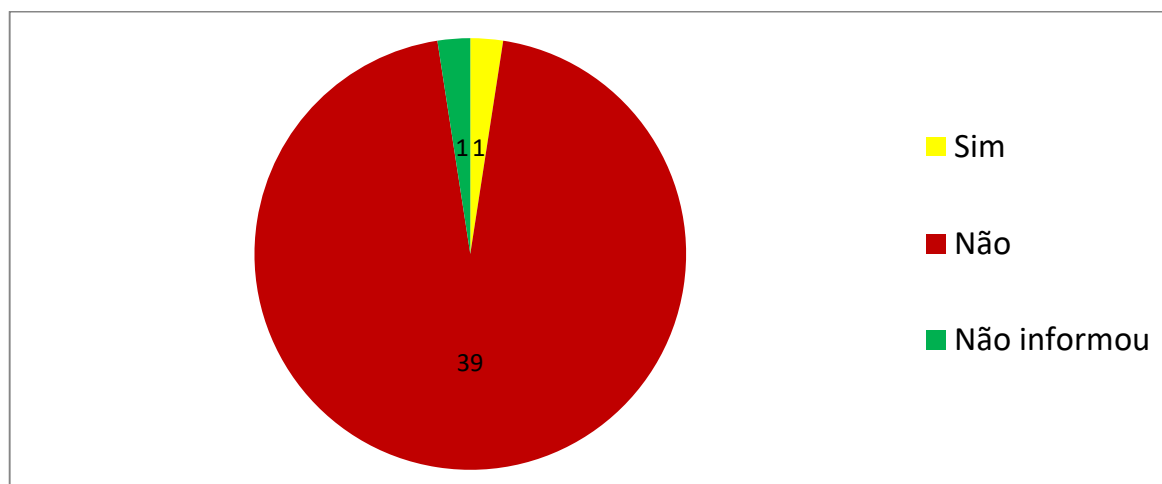
Figura 8: Idade média dos entrevistados



Fonte: entrevista realizada junto aos "atingidos".

O primeiro gráfico mostra que 61% das pessoas residiam em Bento Rodrigues a mais de 31 anos, o que comparado com a idade média dos entrevistados, os quais a maioria está acima de 60 anos, demonstra que a população residente no distrito que foi entrevistada era, em sua maioria, adulta. Isso faz perceber certa estabilidade no que toca à questão do desejo de não mudança para residir em outros locais. Tal informação é confirmada de forma veemente pelo gráfico abaixo que se refere à indagação feita aos entrevistados se estes desejavam sair de Bento Rodrigues algum dia.

Figura 9: Almejava sair de Bento Rodrigues

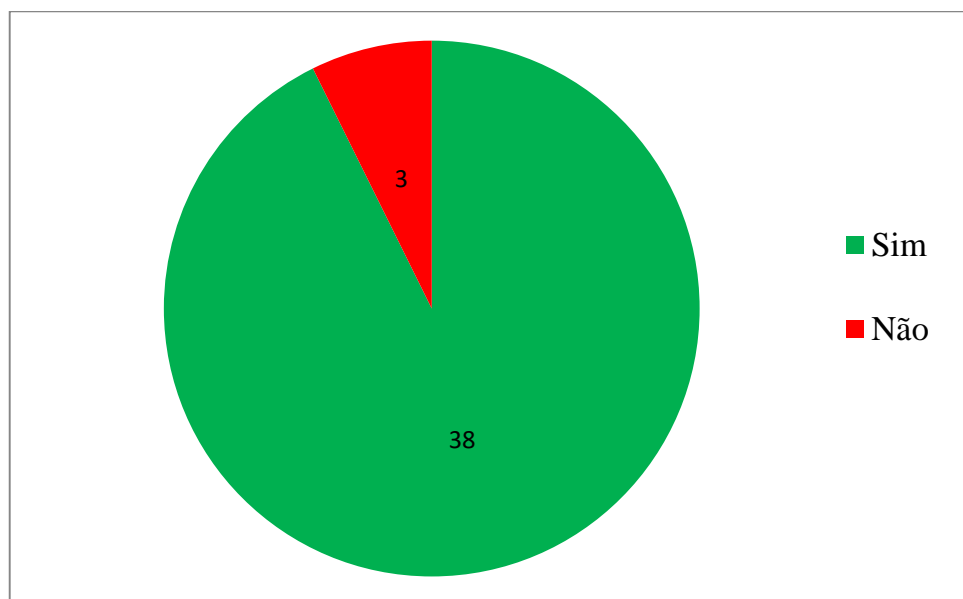


Fonte: entrevista realizada junto aos "atingidos".

Como é observado no gráfico, 95% da população não tinha o objetivo de sair de lá, o que comprova ainda mais a saída forçada da terra ocasionada pelo rompimento da barragem. As seguintes falas dos entrevistados mostram como os habitantes de Bento Rodrigues sentiam-se pertencentes àquele local e não almejavam sair de lá por motivo algum, alguns chegam a dizer que, mesmo com o desastre, querem ser enterrados lá. "Não. Nunca pensei [sair de Bento Rodrigues]. O lugar que eu vim é ali que queria morrer e enterrar ali. Mesmo eu morrendo aqui eu tenho que ser enterrado lá mesmo" (S.M.R., 18/08/2016). Outros lembram com saudades do lugar que outrora moravam: "Não, nunca pensei nisso [sair de Bento Rodrigues]. Saí corrido. Saí de lá corrido. Quem não correu ainda morreu. O lugar lá era muito bom para morar, bobo. Ah, mas era bom demais" (C.J.M., 25/08/2016).

Outro fator que comprova a saída forçada da terra é o número dos habitantes de Bento que tinham casa própria. Como mostra o gráfico a seguir, 93% da população morava em seu próprio imóvel. Infelizmente, hoje, além de não possuir sua casa nem sua terra, estão dependentes da empresa Samarco.

Figura 10: Morava em casa própria



Fonte: entrevista realizada junto aos "atingidos".

Durante as entrevistas, foi perceptível o desejo de muitos de voltar para sua "casinha" e ter seus bens de volta. Nas palavras de A.G.P.,

Espero que eles arrume o lugarzinho da gente pra gente caçar outro rumo, começar a vida de novo. Quero voltar a morar naquilo que é meu. Aquilo que é do outro, a gente tá morando, não tem nada, não somos dono de nada. Cê tá dormindo e amanhecendo dentro da cidade, mas você não é dono de nada. A gente não tem nada, dia e noite pra gente amanhecer e saber que a gente não tem barraco da gente pra gente morar. Tinha duas casas lá, uma chacinha com escritura e tudo, minha casa que eu morava e aí fico sem nada. (13/10/2016)

Após todo esse percurso é notado com tristeza como os moradores de Bento Rodrigues entrevistados não desejavam, em sua maioria, sair de sua terra, mas lá pretendiam ficar até o fim da vida. Eles foram arrancados de seu lugar, fugindo para não serem "devorados" pela lama que matou vidas, história, cultura e a natureza.

Conclusão

Fazer memória do ocorrido é uma forma de contribuir para que ele não seja encoberto pelo véu do esquecimento. Resgatar a memória coletiva dos atingidos é um modo de promover o acesso à experiência do ocorrido por meio do relato dos próprios "atingidos". Com isso contribui-se, em um

só passe, tanto para que ela não seja engolida pelo fantasma do esquecimento quanto para que seja formulada uma compreensão do ocorrido desde uma pesquisa junto aos próprios protagonistas do trágico episódio. Acessar esta experiência por meio de uma pesquisa (um questionário de pesquisa) é um modo de conferir objetividade ao trabalho. Constitui-se como estratégia de potencializar a incursão rumo à verdade do ocorrido¹³.

Fica mais que evidente pelos resultados apresentados que a tragédia do rompimento da barragem do Fundão em Bento Rodrigues afetou diretamente aos moradores daquela localidade, tanto no que se refere à estabilidade de vida, à estabilidade financeira quanto na história particular e familiar de vida dos atingidos na medida em que tiveram que se desvincular abruptamente do local onde habitavam (no sentido mais profundo da palavra "habitar").

A partir dos resultados desta pesquisa deseja-se trazer à tona a triste realidade que envolveu e envolve o drama vivenciado pelos atingidos, a fim de que esta obscura página da história não seja esquecida, mas que seja utilizada, em um processo de rememoração constante, como mecanismo que permita ao homem avaliar decisões futuras. Fazer memória do ocorrido é uma forma de promover a justiça nas relações e decisões humanas na medida em que ainda grita forte o silêncio sepulcral pós-desastre.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Actualidad de la filosofia*. Tradução: José Luiz Arantegui Tamayo. Barcelona: Ataya, 1994.

Construção de dique pela Samarco em área tombada causa polêmica com moradores. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-11/construcao-de-dique-pela-samarco-em-area-tombada-causa-polemica-com-moradores>> Acesso em: 18 out. 2017.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

LEVI, P. *É isto um homem?* Tradução: Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio. O problema da filosofia no Brasil. *Síntese*, n. 30, v. 11, pp. 11-25, 1984. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2099>> Acesso em: 12 ago. 2017.

¹³ Toma-se a verdade aqui como *Aletheia* (desvelamento, desocultamento, revelação contínua).

Relação das maiores arrecadações por contribuinte do ano de 2015. Disponível em: <<http://www.transparencia.mariana.mg.gov.br/>> Acesso em: 04 set. 2017.

Relação das maiores arrecadações por contribuinte do ano de 2016. Disponível em: <<http://www.transparencia.mariana.mg.gov.br/>> Acesso em: 04 set. 2017.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SÊNECA. *Sobre a vida feliz*. Tradução de João Teodoro d'Olim Morote. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2005.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. Tradução: Augustin Wernet. 4. ed. Parte 1. São Paulo: Editora Cortez, 1973.